

O fruto inatingível: uma análise simbólica da infertilidade masculina

The unattainable fruit: a symbolic analysis of male infertility

Camila Parducci Arruda*

Maria Thereza Alencar Lima**

284

Resumo

A Organização Mundial de Saúde estima que, entre a população mundial, um a cada dez casais sejam inférteis¹. Pesquisas atuais apontam que o impacto do diagnóstico é maior para o casal quando a infertilidade é referida ao homem. Esta pesquisa qualitativa, orientada pelo referencial da psicologia analítica, buscou compreender simbolicamente a infertilidade masculina. Para tanto, foi realizado um encontro com um casal em processo psicodiagnóstico para fertilização assistida, ao qual foi solicitada a construção da Linha do Tempo, a fim de possibilitar a extensão da análise e compreensão mais ampla do processo vivido. Ao homem desse casal, foram também solicitadas produções expressivas (desenho da árvore, temático e livre), posteriormente analisadas com base na técnica de amplificação simbólica baseada em autores como Furth² e Van Kolck³. Ao que se refere à masculinidade, pôde-se observar o conflito vivido entre o moderno (ser um homem sensível, acolhedor e carinhoso) e o arcaico (ser um homem de poder e sucesso). A infertilidade significada como vazio e buraco traduz a força de um ideal a ser alcançado, um papel de homem hegemônico, a paternidade biológica entendida como porto seguro desta possibilidade de realização. Traduz também todas as virtualidades, as potencialidades daquilo que o preencheria ou que passaria por sua abertura. Relaciona-se com a espera, o novo, o desconhecido, a súbita revelação de uma presença, a fertilidade.

Palavras-chave: Infertilidade Masculina. Paternidade. Psicologia.

Abstract

According to the World Health Organization's estimates, one in every ten couples in the world population is infertile¹. Current research shows the impact of the diagnosis to be greater for the couple when infertility affects men. This qualitative research followed the referential system of analytical psychology, aiming to understand symbolically masculine infertility. For doing this, a meeting was carried out with a couple involved in a psycho-diagnostic process for assisted fecundation in which they were asked to construct a Time line for allowing the extension of the analysis and a broader understanding of the process experienced in life. We also asked the male subject some expressive productions (tree drawing, thematic drawing and free drawing), subsequently analyzed using the technique of symbolic amplification based on authors such as Furth² and Van Kolck³. As regards maleness, it was possible to observe the conflict between being a modern man (to be a sensitive, welcoming and affectionate man) and an archaic one (to be a man of power and success). Infertility signified as emptiness and hole translates the force of an ideal to be reached, a role of hegemonic man, being biological paternity understood as a safe haven for this possibility of self-realization. It translates also all virtualities, potentialities of that which would fill out or would pass through his opening. It is connected to expectations, newness, strangeness, the sudden revelation of a presence, that of fertility.

Keywords: Infertility, Male. Paternity. Psychology.

* Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: camila_parducci@hotmail.com

** Professora Doutora do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mtalima@pucsp.br

INTRODUÇÃO

*A semente nova tem fé.
Ela se enraíza mais fundo nos lugares que
estão mais vazios.*

Clarisse Pinkola Estés

De acordo com a Organização Mundial da Saúde¹, a infertilidade é clinicamente diagnosticada quando, após um ano de vida sexual contínua do casal sem o uso de métodos contraceptivos, a concepção não acontece. A incidência de infertilidade conjugal varia conforme as regiões do mundo, aumenta com a idade e atinge um em cada quatro casais com mais de 35 anos.

O enfrentamento da infertilidade exige do casal constantes ajustes, e tanto o homem quanto a mulher precisam reformular crenças e desenvolver novos recursos, na esfera individual e repensar modelos e valores na esfera coletiva, para construir esse processo. O lidar com o diagnóstico da infertilidade requer intervalos de tempo diferenciados, entre homens e mulheres. Além disso, casais apresentam percursos diferentes no processo de enfrentamento do problema; alguns conseguem identificar sozinhos os recursos disponíveis e necessários para essa jornada, enquanto outros precisam de ajuda⁴. Cerezetti⁵ relata que as principais queixas trazidas ao psicólogo são de ansiedade, ausência de projetos de vida, insatisfação com o estilo de vida atual, assim como a dificuldade de acessar a própria força ou motivação para buscar alternativas que vão além dos programas de fertilização assistida.

Delgado⁶ aponta que muitos casais inférteis se referem a um sentimento de isolamento, pois evitam relações sociais com o intuito de esconder o seu problema, para evitar a vergonha, a pena e os conselhos indesejados. Os homens principalmente procuram não falar abertamente sobre a infertilidade, por considerarem um assunto privado e acreditam que ninguém pode compreender a extensão do seu sofrimento. O fato da paternidade ser importante para a identidade de gênero do casal e individual, e perpassar pela constituição do papel de homem e mulher, a impossibilidade de ter filho gera vários sentimentos no casal, como medo, ansiedade, tristeza, frustração, desvalia, vergonha, quadros de estresse ou

depressivos, que podem levar o casal ou o indivíduo ao isolamento social.

Os padrões hegemônicos tradicionais masculinos estão sendo reformulados no que diz respeito ao papel de pai e de marido, levando o homem atual a ter uma ambivalência em seu papel social^{7,8}, pois a sociedade atual se encontra mais aberta para aceitar e valorizar características no homem, que antes eram apenas femininas. Por outro lado, ela valoriza códigos pautados pela dinâmica patriarcal, como o sucesso e poder; expressos pela valorização do *status* social, do poder econômico e o condicionamento do trabalho ao sucesso; e desvalorizar a falha, o fracasso e impotência⁹.

Porém ainda não há na literatura acadêmica um número expressivo de trabalhos que abordam especificamente a relação do homem com a infertilidade. Esquecido nos contextos de assistência médica e psicológica, resultados¹⁰ evidenciam que o diagnóstico da infertilidade acarreta ao homem sofrimento e dor.

Segundo Ramos, “Toda e qualquer doença é um símbolo, o qual revela uma disfunção do eixo ego-Self” (p. 77)¹¹. O símbolo expressa à consciência conteúdos do inconsciente, por ser a síntese de um par de opostos que carrega em si conteúdos desconhecidos¹². Ramos¹¹ afirma que a compreensão do sintoma como símbolo implica reconhecer que a doença tem uma finalidade no contexto da totalidade psíquica. Se o sintoma orgânico é considerado como um indicativo da cisão na representação de um complexo, de tal forma que a polaridade psíquica permanece reprimida, o trabalho de integração dessas duas dimensões (orgânica e psíquica) no contexto do símbolo possibilitará sua reintegração na consciência.

Uma forma de compreender o significado do símbolo-sintoma é através da Amplificação Simbólica, método utilizado pela psicologia analítica, que busca a ampliação da consciência, e pode se dar no nível individual e/ou coletivo. No nível coletivo, ela acontece por meio de estudo comparativo das representações coletivas de uma mesma experiência arquetípica, expressas por lendas, mitos, arte, contos e religião; enquanto que, no nível individual, ocorre por meio da objetivação do sintoma, no qual o paciente busca seus próprios significados do símbolo.

O conceito de Resiliência também vai por essa direção. Junqueira, Deslandes¹³ propõem que o mais importante nesse processo não é a eliminação do evento estressante, mas a ressignificação do problema e a maneira que o indivíduo o supera. Como é um processo, a resiliência não pode ser considerada um atributo nascido com a criança, ou uma característica adquirida ao longo de seu desenvolvimento, mas um fenômeno que decorre de um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos, no passar do tempo, em função de fatores benéficos pessoais, familiares, sociais e culturais. A resiliência é considerada como um potencial humano, ou seja, presente nos homens de todas as culturas e todos os tempos¹⁴.

Assim, como uma forma de auxiliar o homem no enfrentamento desse problema, se faz necessário um maior número de estudos que busquem compreender e agregar novos significados ao que sabemos sobre a infertilidade masculina.

MÉTODO

Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma leitura simbólica da infertilidade masculina e compreender o significado e o sentido deste símbolo – infertilidade – para um homem de 34 anos, casado há 5 anos e diagnosticado como infértil há aproximadamente 10 anos.

Durante dois encontros, o participante voluntário foi solicitado a realizar sua Linha do Tempo, instrumento que auxilia no registro, análise e compreensão de sua história em um curto espaço de tempo. E também a produzir três expressões gráficas, o Desenho Livre (Figura 1), o Desenho da Árvore (Figura 2) e o Desenho temático (Figura 3), no qual o tema foi a representação da infertilidade. Os desenhos foram analisados de acordo com o referencial teórico da psicologia analítica, com base na técnica de Amplificação Simbólica e no método de análise de desenhos proposto pelo psicoterapeuta junguiano Furth². E para a análise específica do desenho da árvore, outros autores também foram incluídos, como John Buck¹⁵ e Van Kolck³.

Os procedimentos seguidos nesta pesquisa estão em conformidade com os padrões éticos do Comitê de Ética em pesquisas da PUC-SP.

RESULTADOS

Linha do tempo

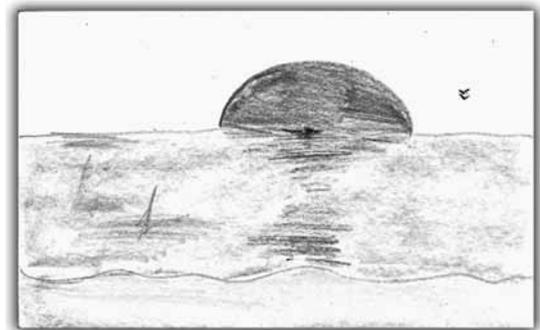
Os eventos evidenciados pelo participante na sua Linha do Tempo se enquadraram em quatro temas principais: estudos, desenvolvimento profissional, conjugalidade e lazer.

Dentro desses temas a relação com sua esposa foi retratada detalhadamente; o participante enfatizou tanto os momentos felizes, como os problemas enfrentados pelo casal.

Outro tema frequente foi o lazer, destacando as viagens. O participante data o ano em que viu o mar pela primeira vez, assim como todas as viagens que realizou, tanto sozinho, como acompanhado da família de origem, amigos ou esposa. E a grande maioria delas teve como destino a praia.

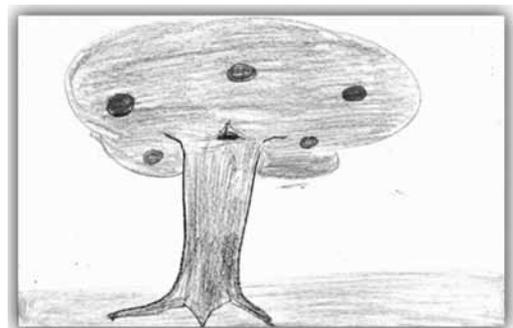
Expressões Gráficas

Figura 1. Desenho livre



O participante relata que optou pelo tema por gostar de ver o pôr do sol na praia, e que no desenho imitou uma foto que tirou em uma de suas viagens. O participante descreve que no centro há um barco, duas gaivotas à direita, areia e o céu limpo. Ele associa o desenho a *calma, descanso*, “um lugar para ficar sozinho e em paz”.

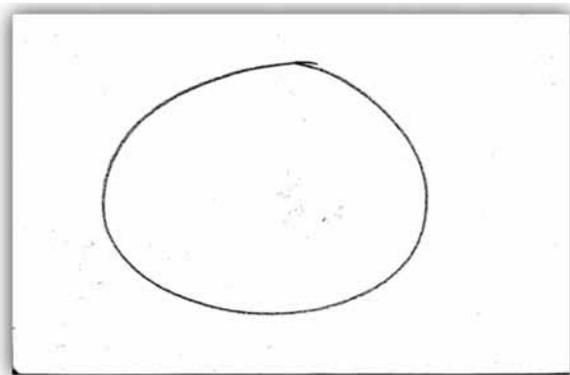
Figura 2. Desenho da árvore



O participante relata que a árvore é uma macieira, de aproximadamente 80 anos, e apesar da idade ainda dá frutos. Está localizada em um campo gramado, sozinha e precisa de chuva.

Ao pedir para o participante se imaginar pegando um fruto da árvore, ele responde que estaria do lado esquerdo, de frente para o tronco com a mão estendida. Depois pensa melhor e fala: *“Acho difícil eu conseguir pegar um fruto. Porque esta árvore me parece muito grande, precisaria de uma escada para apanhá-lo. Também imagino a maçã muito grande, do tamanho de uma abóbora, difícil de colher e carregar”*.

Figura 3. Desenho temático



Ao terminar o desenho, o participante diz *“é o vazio”*. Relata que, como homem, macho da espécie, tem a obrigação de dar a esposa um filho. Fala que a sociedade e a família o cobram muito, que sempre parece que falta algo. Em relação à vontade de ter filho, ele fala que só começou a pensar nessa possibilidade depois do casamento, e que sua preocupação sempre foi conseguir uma estabilidade financeira primeiro. *“Quero dar uma condição para o filho, quando tiver um”*. Também fala que não se abala com a impossibilidade de ter um filho, que o pior são as cobranças dos outros, família e amigos. Falo para ele que o desenho que ele fez me parece um ovo, ele me responde dizendo com ar solene: *“não, é um buraco”*.

ANÁLISE E CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, podem-se observar vários aspectos da vivência da infertilidade pelo participante. Analisando sua linha do tempo e expressões gráficas, obtivemos um panorama da sua

rede de significados da infertilidade, e a amplificação simbólica nos auxiliou a ter uma maior compreensão sobre ela. A seguir, apresentamos a análise dos resultados mais pertinentes ao tema.

A exigência social é uma questão de grande importância trazida pelo participante. Ele relata que não se abala tanto com a impossibilidade de ter um filho, mas o que mais o incomoda são as cobranças dos outros (familiares e amigos). Nos desenhos apareceram indicativos de desamparo frente às pressões do ambiente (inclinação do solo), sentimentos de estar sob pressão e obediência não desejada (copa achatada na parte de cima).

A impotência trazida pela infertilidade, diante das expectativas e cobranças sociais, também aparecem nos desenhos. Observa-se isso na relação da figura sol-barco. Ao entendermos o barco como a representação do participante no desenho, e o sol como o padrão de homem imposto pela sociedade, percebemos uma relação de grande e pequeno. Assim como em sua vida, o participante sente-se aquém diante do padrão de homem ideal que é colocado pela sociedade, o homem fértil, que consegue dar a sua mulher o filho desejado. Além de ser pequeno diante do sol, o barco se encontra parado no meio do oceano, muito afastado da areia. O mar compacto no desenho parece impossibilitar a ida do barco até a areia, lugar do repouso e da segurança. Assim o barco se encontra parado entre o Sol e a Areia, entre o ideal e o possível, como o participante em sua viagem pela busca do ser homem.

O sentimento da impossibilidade de gerar filhos também aparece quando o participante relata que os frutos da árvore são muito grandes, do tamanho de abóboras, e que para pegá-los precisaria de uma escada, pois estão localizados no alto. Os frutos podem ser relacionados com a fertilidade e objetivos, e isso indica como é difícil para o participante alcançá-los e como são pesados para ele. A mesma relação do sol com o barco, de grande e pequeno, é presente entre os frutos e o participante; esses são intangíveis para ele, por serem enormes e estarem no alto. Ao analisarmos os aspectos de conteúdo da árvore, também percebemos aspectos que indicam a impotência, como o sentimento de instabilidade e incerteza (solo inclinado), insegurança (assimetria da árvore).

Características da personalidade do participante também puderam ser percebidas. Elas remetem ao feminino, como a delicadeza, o fato de ser prestativo, disponível para os outros, dedicado e cortês. Nos encontros, o participante sempre se mostrou disponível e muito educado, compreendendo a necessidade da pesquisadora. Sua delicadeza também aparece no momento em que realiza os desenhos; a execução sempre foi feita de maneira calma, serena e cuidadosa, sem agressividade.

Em todos os desenhos existem referências ao feminino, sejam elas na expressão gráfica, pelo fato dos desenhos apresentarem formas circulares, arredondadas e cheias de curva, como é visto no sol, as ondas, as gaivotas, a copa da árvore, as maçãs e o buraco, assim como no significado simbólico desses elementos. Não há nenhuma figura viril ou pontiaguda, que remeta ao masculino; acredito que o mais próximo disso é o barco e as raízes da árvore. E, mesmo assim, esse aparece pequeno e quase imperceptível diante da magnitude da paisagem.

As características de sua personalidade, que mostram uma maneira de lidar com o mundo de forma mais feminina, nos remetem também às transformações que estão acontecendo com o papel social do homem^{7,8,9}.

Apesar do participante mostrar uma sensibilidade feminina, ele também valoriza aspectos da dinâmica patriarcal, ao enfatizar a importância da educação e do trabalho em sua vida. Ele sinaliza o início e término de todos os estudos que realizou, desde o ensino fundamental até a faculdade. Também aponta quando começou a trabalhar, as demissões, os novos empregos e promoções de cargo. Esse aspecto também aparece na análise dos desenhos; a tendência do participante desenhar do lado direito da folha e preencher a parte inferior do papel indicam que ele tem uma tendência à consciência e busca se satisfazer em áreas intelectuais, além de indicar uma pessoa guiada pela realidade concreta, o que reflete no seu desejo de primeiro buscar alcançar estabilidade financeira e depois ter um filho.

Sobre suas viagens, coloca o ano e mês da primeira vez que foi à praia e as viagens que realiza até hoje. Ele sempre viaja com sua mulher, às vezes amigos e familiares os acompanham, e a maioria das viagens são para praias.

Ao refletirmos, nos perguntamos para onde essas viagens o levam; percebemos que, como barco, o participante se encontra parado no meio do mar, mas ao ser o casal gaivotas, que pode ser representado por ele e por sua mulher, e, portanto, ao ter companhia, ele se encontra em movimento. Voa em direção ao sol, aos ideais que esse simboliza, como a fertilidade.

A solidão é uma temática presente. A praia é deserta, o barco se encontra sozinho no meio do oceano, e o par de gaivotas voa sozinho na imensidão da paisagem; a árvore está sozinha em um campo, e o próprio vazio remete à solidão. Não é só o participante que nomeia essa solidão; os observadores também a sentem, ao olharem os desenhos.

Delgado⁶ descreve que a infertilidade é sentida como uma fonte de alteração no relacionamento do casal. Na maioria das vezes, o casal se aproxima, fortalecendo a relação e melhorando a comunicação. Acreditamos que é o caso do participante e sua mulher, pois a temática do casal também é muito presente nos desenhos e em sua fala. Um exemplo disso é o par de gaivotas; ele nos remete ao casal e ilustra a dinâmica do estar “sozinho em conjunto”, que pode ser trazida pela infertilidade. Talvez a solidão esteja relacionada com a temática da infertilidade, por deixar o casal coeso, deixando-os unidos na problemática.

O vazio é outro tema presente em todos os materiais analisados, muitas vezes aparecendo de forma sutil, associado à solidão. Mas, na representação da infertilidade, o vazio é expresso verbalmente e graficamente. Apesar de o participante realizar o desenho rápido, o que percebemos como uma fuga para não entrar em contato com sentimentos que a infertilidade desperta nele, ele acaba falando claramente sobre seu problema, de forma simbólica, ao declarar que a infertilidade – representada pelo desenho – é o vazio, e um buraco.

Segundo Chevalier¹⁶, a diferença entre o buraco e o vazio é a mesma presente entre a privação e o nada. Ou seja, na privação existe um objeto ou coisa, que foi tirada ou impedida a alguém. Já o nada é a não existência, assim não há nenhum objeto. Essa distinção é tão verdadeira que o buraco aparece como o símbolo de todas as virtualidades e é mais rico de significado que o simples vazio: é repleto de todas as potencialidades daquilo que

o preencheria ou que passaria por sua abertura; é como a espera ou a súbita revelação de uma presença e muitas vezes é relacionado com a fertilidade e abertura para o desconhecido.

O vazio também remete a uma das histórias contadas no livro “O Jardineiro que tinha fé”, de Clarissa Pinkola Estés. Essa história é sobre seu tio, um homem que enfrentou a realidade dos campos de concentração e conseguiu se refugiar na América. Ele tinha uma relação muito íntima com a terra e com as árvores. “Conhecia a terra como conhecia as rugas no seu rosto, como conhecia as veias nas costas de suas mãos” (p. 35)¹⁷. E a possibilidade de voltar a ter contato com o campo e com a floresta, de poder caminhar pelas árvores quando as lembranças da guerra vinham a sua memória, estava o ajudando a se recuperar de tudo que tinha passado na guerra. Porém, um dia, a comissão rodoviária estadual veio até a comunidade rural em que moravam para anunciar que o estado iria desapropriar terras para construir uma estrada. Desapropriariam campos e florestas inteiras – terras que estavam sendo fatores essenciais na cura das pessoas devastadas pela guerra. Tal acontecimento era apavorantemente semelhante, para seu tio, para outros familiares refugiados e para vizinhos, às profundas aflições sofridas na guerra; suas terras estavam sendo ocupadas contra vontade. Isso fez com que seu tio enlouquecesse; ele ficou muito bravo, protestava contra as máquinas e funcionários. Em uma noite, quando a estrada tinha acabado de ficar pronta, ele preparou a terra e ateou fogo no que sobrara do campo. A chama era enorme, e todos que puderam perceber seu calor ou ver suas faíscas se aproximaram, e balançavam a cabeça em sinal de aprovação, pois entenderam o que aquilo significava. Assim como suas vidas, que tinham sido queimadas e arrasadas pela guerra, aquela terra estava sendo. E, assim como suas vidas, que depois de um longo tempo de aridez voltaram a ter esperança e sonhos, aquela terra

iria voltar a ser uma floresta. O ponto mais importante da história é perceber que para a floresta crescer é necessário deixar a terra nua, vazia, não semear nada nela, para que ela seja um convite às sementes trazidas pelo vento e pelos pássaros. As árvores não viriam se a terra fosse cultivada.

As sementes da vida nova não encontrarão nenhuma hospitalidade nem motivo para pousar aqui, a menos que a deixemos árida, que a deixemos nua para que uma floresta de sementes a considere hospitaleira (p. 46)¹⁷.

A floresta veio, germinou e cresceu na terra que um dia foi queimada. A autora diz que pôde acompanhar todo esse processo junto com seu tio e que ele ficou tomado de alegria quando as árvores começaram a crescer, florescer e dar frutos. Segundo a autora, o tema do milagre da vida que surge do terreno sem cultivo é antigo. Ele está presente no mito de Perséfone, a deusa virgem da terra, que foi capturada e mantida por muito tempo no mundo subterrâneo. Nesse período, Gaia, sua mãe, que é o símbolo da terra, sentia tanto sua falta que se tornou árida. E a terra foi tomada por um inverno permanente, frio e estéril. Quando a filha finalmente foi libertada do inferno, “voltou para a terra com tanta alegria que cada passo do seu pé descalço que tocava o chão estéril fazia com que no mesmo instante uma faixa de verde e flores se espalhasse em todas as direções” (p. 80)¹⁷.

Assim, a autora conclui que as pessoas que por alguma razão estão descrentes na própria vida são aquelas que percebem a possibilidade de uma nova vida surgir em um campo nu, pois as sementes novas vão primeiro para os lugares mais abertos e vazios.

Dessa forma, podemos perceber que, ao relacionar a infertilidade com o vazio e com o buraco, o participante trás um símbolo de esperança e potencialidade, um vir a ser. O vazio pode indicar o caminho à superação, um aspecto resiliente no enfrentamento da infertilidade. O buraco e o vazio existem para ser preenchido.

REFERÊNCIAS

1. WHO. Progress Report in Reproductive Health Research. Geneva, Switzerland: WHO; 2003. v. 23.
2. Furth GO. O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana de cura pela arte. São Paulo: Paulus; 2004.
3. Van Kolck OL. Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico. São Paulo: EPU; 1984.
4. Souza S. Expressão psicossomática na infertilidade conjugal: investigação dos processos de enfrentamento durante o diagnóstico [dissertação]. São Paulo: PUC-SP; 2005.
5. Cerezetti C. Avanços da psicologia hospitalar: por onde caminhamos? São Paulo: Paulus / Centro Universitário São Camilo; 2010.
6. Delgado M. O desejo de ter um filho... vivências de um casal infértil [dissertação]. Lisboa: Universidade Aberta; 2007.
7. Faria D. O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo: EDUC / FAPESP; 2003.
8. Maciel Jr P. Tornar-se Homem – o projeto masculino na perspectiva de gênero [tese]. São Paulo: PUC-SP; 2006.
9. Byington C. Estrutura da personalidade Persona e sombra. São Paulo: Ática; 1988.
10. Gameiro S, et al. A experiência masculina de Infertilidade e de reprodução medicamente assistida. Psicologia Saúde Doenças, Coimbra. 2008;9(2):253-70.
11. Ramos D. A psique do corpo. São Paulo: Cultrix; 2006.
12. Penna EMD. Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung [dissertação]. São Paulo: PUC-SP; 2003.
13. Junqueira M, Deslandes S. Resiliência e maus-tratos à criança. Cad Saúde Pública, Rio de Janeiro. 2003;19(1):227-35.
14. Araujo C. Resiliência. In: Introdução à psicossomática. São Paulo: Atheneu; 2010.
15. Buck J. H-T-P: casa-árvore-pessoas, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação. São Paulo: Vetor; 2003.
16. Chevalier J, Gheerbrant A. Dicionários de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio; 2007.
17. Estés CP. O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca. Rio de Janeiro: Rocco; 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Albert S. Infertilidade na relação conjugal – uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com o sandplay [dissertação]. São Paulo: PUC-SP; 2008.
- Jacobi J. Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix; 1986.
- Nascimento F, Térzis A. Adiamento do projeto parental: um estudo psicanalítico com casais que enfrentam a esterilidade. Psicol Rev, Belo Horizonte. 2010;16(1):103-24.
- Ramos D. A psique do coração. São Paulo: Cultrix; 1995.